

## COBRADORES PÓS-MODERNOS

Moacir Dalla Palma<sup>1</sup>

**RESUMO:** *A análise dos contos “O Cobrador” e “Onze de Maio” (O Cobrador, 1979), de Rubem Fonseca (1925 - ), demonstra que o pós-modernismo se transformou em um movimento intelectual de questionamento dos desnivelamentos sociais. A obra de Fonseca aborda, com clareza, a desordem, a desagregação, a ausência de valores definidos, a crise social e a violência física e mental, encontradas nas cidades brasileiras. A incorporação dos meios de comunicação de massa na narrativa serve para evidenciar a diferença dos estratos sociais, além de exercer influência na violência sofrida e causada pelas personagens.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Rubem Fonseca; pós-modernismo; cultura de massa.*

**ABSTRACT:** *The analysis of the short stories “O Cobrador” and “Onze de Maio” (O Cobrador, 1979), of Rubem Fonseca (1925 -), it demonstrates that the postmodernism became an intellectual movement questioner of the social differences. Fonseca's work approaches, with clarity, the disorder, the disaggregation, the absence of defined values, the social crisis and the physical and mental violence, found in the Brazilian cities. The incorporation of the means of mass communication in the narrative is good to evidence the difference of the social strata, besides exercising influence in the suffered violence and caused by the characters.*

**KEYWORDS:** *Rubem Fonseca; postmodernism; mass media.*

O ser humano depara-se quotidianamente com as mais diversas formas de violência, desde as mais camufladas até as ameaças constantes de ser agredido moral e fisicamente. Sujeito a roubos, assaltos e, quando não se defronta com o crime organizado, encontra a violência das instituições criadas para gerar segurança. A ameaça constante tornou a violência tema de destaque dentro das obras de escritores contemporâneos. A principal delas tem sido a questão da desigualdade social, reconhecida como uma forma de violência, quando vista sob o aspecto da exclusão social.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UEL - Universidade Estadual de Londrina; Doutorando em Letras pela UEL, e Professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura da FAFIPAR - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá.

Nesse sentido, o pós-modernismo torna-se um movimento intelectual de questionamento, que ao pluralizar as percepções da realidade enfatiza as transformações setorizadas. Isto é resultado de lutas desencadeadas no cotidiano pelas minorias sociais, em que a oposição entre centro e margem demonstram duas realidades autônomas e homogêneas, criando desnivelamentos entre as classes. Isso favorece a abordagem a partir do múltiplo, até mesmo pela formação étnica heterogênea do Brasil. Donde o descentramento do indivíduo fica evidente a cada nova linha escrita pelos contemporâneos.

Entre os escritores brasileiros, Rubem Fonseca é mestre na abordagem dessa desordem, desagregação, ausência de valores definidos, crise social, violência física e mental, encontradas nas cidades brasileiras. Neste trabalho, a análise estará voltada para os contos “O Cobrador” e “Onze de Maio”, ambos inseridos na coletânea publicada em 1979, que leva o título do primeiro. Constituída por dez contos, a coletânea está centrada no tema da violência: a pedofilia e o aborto em “Pierrô da Caverna”; assassinato por encomenda em “Encontro no Amazonas”; as lutas armadas em “Caminho de Assunção”; tráfico de drogas, extorsão e assassinato em “Mandrake”; violência familiar e no trânsito, além de suicídio em “Livro de Ocorrências”; estupro em “Almoço na Serra no Domingo de Carnaval”; doenças infecto-contagiosas e escravidão em “H. M. S. Cormorant em Paranaguá”; grupos de extermínio em “O Jogo do Morto”. Além, é evidente, da discriminação social em “Onze de Maio” e a violência generalizada em “O Cobrador”.

Estes dois contos, narrados em primeira pessoa, estão fortemente ligados com a realidade social da época. Talvez por isso, Antonio Candido nomeou de “realismo feroz” o momento literário de surgimento e afirmação de Rubem Fonseca como contista. Sobre sua narrativa Candido afirmou:

Ele também agride o leitor pela violência, não apenas dos temas, mas dos recursos técnicos – fundindo ser e ato na eficácia de uma fala magistral em primeira pessoa, propondo soluções alternativas na seqüência da narração, avançando as fronteiras da literatura no rumo duma espécie de notícia crua da vida (CANDIDO, 1987, p. 211).

O estilo de narrar sem qualquer concepção maniqueísta, sem sobrepujar o bem ao mal ou vice-versa, faz da ficção de Rubem Fonseca um registro documental e testemunhal, puramente de cunho social, onde o narrador expressa juízos sobre a condição humana. A opção pela narrativa em primeira pessoa revela uma estratégia de

extraordinário vigor. Eis que aquele que narra passa a ser um dos rebeldes e, como personagem, toma o poder interior da narrativa e dá sua própria versão dos acontecimentos: opinando sobre a condição de outras personagens; extravasando seus sentimentos mais profundos; dominando a crítica dirigida contra usos e costumes no decorrer do texto; distribuindo a palavra com autoridade para intervir e, assim, declinar opiniões contrárias.

Nesse sentido, a palavra tem grande poder no discurso ficcional de Rubem Fonseca, pelo que profere, mais do que pelo que faz. Por conseguinte, as personagens dizem a que vêm e por que procedem de modo insólito e surpreendem o leitor. Destarte, deixa claro que sua ficção não é apenas algo que reflete o que se passa. O estilo arrojado de crítica aos sistemas preestabelecidos apresenta a “verdade literária” extraída desses contos: a violência que preside as lutas diárias pela sobrevivência. O resultado é a marginalização das pessoas, devido a um sistema social elitista e preconceituoso.

As relações entre violência, sexualidade, trabalho e racionalidade consistem em um complexo jogo de trocas, substituições, alianças, rejeições, compromissos, num processo interminável de tentativas de apoderação mútua e transfigurações. No conto “O Cobrador” esse jogo é constante; o narrador e suas vítimas disputam dentro da narrativa quem será o mais astuto, e assim, ganhar o jogo de dominação existente na obra: no consultório dentário, há uma disputa entre o dentista e o Cobrador, que não quer pagar pelo serviço do outro e, apesar da diferença física, o narrador sobressai-se por estar armado; na rua, com o homem da Mercedes, a luta é pela preferência de passagem, que era para ser do carro, entretanto o Cobrador atira e fere o motorista; na situação em que se defronta com o vendedor de armas, engana-o pedindo para ver outro equipamento e assim, ter condições favoráveis de matá-lo.

O aspecto da manipulação das pessoas está sempre presente, contudo, o narrador não quer mais ser manipulado e pagar pelas coisas de que precisa. Opõe-se abertamente à sociedade capitalista e nesse sucessivo jogo de apoderação em que está envolvido, deixa transparecer a luta travada entre as classes sociais. O rico domina pelo dinheiro, enquanto o Cobrador, representante dos excluídos sociais, domina pela violência. Um exemplo é a cena do estupro: ele entra no apartamento, apenas amarra a empregada para que não o atrapalhe, porque seu interesse é única e exclusivamente estuprar a dona da casa, numa demonstração de força e poder inconfundíveis, principalmente, pelo fato de o narrador afirmar que a mulher sentiu prazer antes dele, quando normalmente nem prazer sentiria. Outro exemplo, talvez até

mais claro, são os assassinatos do executivo e de um casal. Nos dois casos, segue-se um embate discursivo, em que as vítimas tentam convencer o narrador a pegar o dinheiro e deixá-los em paz. Quando percebem que não dá certo apelam para o emocional, o executivo diz que tem mulher e três filhos e o casal de que a mulher está grávida do primeiro filho. Não obstante, o Cobrador está disposto a continuar sua cobrança, ainda mais que, para ele, as vítimas o achavam sem capacidade intelectual por ser um marginal:

Tirava o facão de dentro da perna quando ele disse, leva o dinheiro e o carro e deixa a gente aqui. Estávamos na frente do Hotel Nacional. Só rindo. Ele já estava sóbrio e queria tomar um último uisquinho enquanto dava a queixa à polícia pelo telefone. Ah, certas pessoas pensam que a vida é uma festa”. (FONSECA, 1997, p. 19);

Ela está grávida, ele disse apontando a mulher, vai ser o nosso primeiro filho. Olhei a barriga da mulher esguia e decidi ser misericordioso e disse, puf, em cima de onde achava que era o umbigo dela, desencarnei logo o feto. A mulher caiu emborcada. Encostei o revólver na têmpora dela e fiz ali um buraco de mina. (FONSECA, 1997, p. 21);

Vamos para sua casa, eu digo. Eu não moro aqui no Rio, moro em São Paulo, ele diz. Perdeu a coragem, mas não a esperteza. E o carro?, pergunto. Carro, que carro? Este carro, com a chapa do Rio? Tenho mulher e três filhos, ele desconversa. Que é isso? Uma desculpa, senha, habeas-corpus, salvo-conduto? Mando parar o carro. Puf, puf, puf, um tiro para cada filho, no peito. O da mulher na cabeça, puf. (FONSECA, 1997, p. 25).

Na narrativa há uma tentativa constante de dominar o outro, mas isso não acontece com o Cobrador, que no jogo da dominação vence seus “adversários” através da agressão, força, morte. Faz uso da violência para alcançar seu objetivo e justifica a sua pela do outro, visto que a rejeição social é a motivadora de seus ataques contra a sociedade. Esse sentimento aparece em alguns pontos do texto: “Era um homem grande, mãos grandes e pulso forte de arrancar os dentes dos *fodidos*” (FONSECA, 1997, p. 13); com isso, insere-se no grupo daqueles que não têm boas condições de vida, principalmente, quando o termo aparece novamente: “Na praia somos todos iguais, nós os *fodidos* e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas” (FONSECA, 1997, p. 22); na frase: “Me irritam esses sujeitos de Mercedes” (FONSECA, 1997, p. 14); a referência é ao comportamento das pessoas que possuem um veículo desses. Na narrativa, o homem que dirige o carro buzina para que o narrador lhe dê passagem, este porém, entende que está sendo

menosprezado e reage. Ainda para comprovar sua inserção no grupo de vítimas sociais, têm-se: “A mão dele era branca, lisinha, mas a minha estava cheia de cicatrizes, meu corpo todo tem cicatrizes, até meu pau está cheio de cicatrizes.” (FONSECA, 1997, p. 15) e; “Sou uma pessoa tímida, tenho levado tanta porrada na vida” (FONSECA, 1997, p. 22); ambas as expressões deixam claro que ele se sente diferente dos demais. Na primeira frase, além das cicatrizes, afirma que a mão do outro era branca, fato que volta a aparecer quando vê Ana pela primeira vez: “Eu quero aquela mulher branca!” (FONSECA, 1997, p. 22); em momento algum existe referência à cor da pele do narrador, contudo, nestas frases, fica a suposição de que não é branco. Mais um motivo para sentir-se marginalizado.

Já em “Onze de Maio”, o jogo de apoderação é, em princípio, apenas intelectual. O narrador, José, um professor de história aposentado, está internado em um asilo e passa a relatar o seu dia-a-dia. Ele sente imperar naquele lugar o abandono, a degradação, o desrespeito, a humilhação e a privação. José, num primeiro momento, parece conformado com a situação em que se encontra: “um velho inerte, preguiçoso e entediado só pode abrir a boca para bocejar” (FONSECA, 1997, p. 118); entretanto, ele percebe as coisas a sua volta, vê que estão completamente isolados da sociedade, presos em um ambiente que mais parece presídio do que lar de idosos. Acrescentando-se que nem mesmo entre os idosos é permitido o diálogo, devem ficar o tempo todo em seus cubículos esperando pela morte. Os idosos são condicionados a aceitar o tratamento humilhante que lhes é dado, ficam cada vez mais débeis e assim, não oferecem resistência.

José, vítima do sistema: “Aquele ser velho me foi imposto por uma sociedade corrupta e feroz, por um sistema iníquo que força milhões de seres humanos a uma vida parasitária, marginal e miserável” (FONSECA, 1997, p. 134), percebe que seus pensamentos não podem ser vigiados e que continua sendo o mesmo homem inteligente e astuto que sempre fora. Une-se, então, aos seus companheiros, Pharoux e Cortines, para realizar um motim em busca da liberdade. A luta passa a ser não só intelectual mas também física, pois invadem a casa do diretor do asilo e tomam o poder pela força: “A idéia me agrada. A história ensina que todos os direitos foram conquistados pela força. A fraqueza gera opressão” (FONSECA, 1997, p. 135); ou seja, a afirmação é de que os oprimidos devem fortalecer-se e usar a força contra os opressores. Para o narrador, a única forma de ganhar o complexo jogo da sobrevivência.

O racionalismo da sociedade trouxe esse cerceamento da liberdade individual que aparece tanto em um, quanto no outro conto. O Cobrador não está livre para agir quando quiser, como se tem a impressão. Ele age com planos em mente, por mais que as coisas aconteçam inesperadamente, como acontece com a morte do motorista da Mercedes. Se o olhar estiver voltado para as suas vítimas, há então, uma outra perda da liberdade individual, porque as pessoas estão sujeitas às mais diversas formas de restrições, não só com referência aos ataques do narrador mas também em relação às atividades sociais desenvolvidas. Isso ocorre com os casais que entram na festa onde o Cobrador procura vítimas, todos entram na casa desejando um tratamento diferenciado, no entanto, são recebidos da mesma maneira.

Em “Onze de Maio”, a perda da liberdade individual está em cada idoso internado, pois são vigiados diuturnamente pelos funcionários. Não parecendo um cerceamento da liberdade, mas sim um excesso de cuidados. O narrador, todavia, revela que não está sendo bem cuidado, ao contrário, a alimentação é péssima, não tem atendimento médico, não tem boas condições de higiene, os internos não podem conversar entre si e devem apenas assistir televisão e dormir. Esses acontecimentos, tanto em um quanto em outro conto, levam o homem a um sentimento de desencanto da vida e a uma sensação de vazio existencial. Vazio existencial que o Cobrador e José buscam suprir com a tentativa de incitar uma revolução, uma luta para que o ser humano venha a ter um pouco mais de dignidade ou, pelo menos, seja respeitado em sua diferença.

Roger Dadoun afirma que “o trabalho está destinado como labor maldito” (DADOUN, 1998, p. 57) e que nas “relações vitais entre o homem e o mundo; na luta pela vida, o homem se submete aos constrangimentos inevitáveis” (DADOUN, 1998, p. 59); em “O Cobrador” a fala do narrador expõe essa constatação: “Odeio dentistas, comerciantes, advogados, industriais, funcionários, médicos, executivos, essa canalha inteira. Todos eles estão me devendo muito” (FONSECA, 1997, p. 13); apesar de a lista ser basicamente de profissionais liberais e proprietários de algum tipo de empresa, os “funcionários”, ou assalariados, estão inseridos. Contudo, cercados, oprimidos pelos outros. Isso não mostra só a relação complexa de quem age racionalmente e trabalha para sobrevivência. Mostra também, o conflito social, porque o cruzamento das identidades conduz ao pensamento de que se deve rever a sistematização das relações materiais e simbólicas. A classe média-alta, representada pelo dentista; por Ana, namorada do narrador e; pelas várias vítimas deste, é a detentora do poder e mantém em suas mãos alguns privilégios

especiais pela posição social que possuem. O trabalhador assalariado está na figura remetida pela palavra “funcionários”; na empregada doméstica da mulher estuprada pelo Cobrador; na mulher que o pegou na rua para transar; no negro com quem trocou um sanduíche pelo jornal, os quais aceitam conformados a situação imposta e se submetem às regras estabelecidas pelo poder constituído.

O narrador é o representante dos marginalizados. Embora criminoso, resolve inverter o jogo e “justiçar” os detentores do dinheiro e do poder, culpando-os pela sua marginalidade. Essa revelação de estratos sociais diferenciados e a divisão em grupos dentro da mesma estratificação gera a “crise de identidade”. Sugerida por Stuart Hall como “a perda de um sentido de si”, onde ocorre a “descentração do indivíduo tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo” (HALL, 1999, p. 09). O Cobrador não tem um comportamento fixo e unificado. É um homem que, em momentos de ódio e revolta, agride, estupra e mata pessoas, sentindo-se aliviado e de bem consigo, mesmo quando realiza atos cruéis e violentos:

Quando satisfaço meu ódio sou possuído por uma sensação de vitória, de euforia que me dá vontade de dançar – dou pequenos uivos, grunhidos, sons inarticulados, mais próximos da música do que da poesia, e meus pés deslizam pelo chão, meu corpo se move num ritmo feito de gingas e saltos, como um selvagem, ou um macaco”. (FONSECA, 1997, p. 23)

Em outros, é capaz de extrema bondade, pois cuida da mulher inválida, proprietária da casa que mora. E ainda, em situações que se espera uma atitude agressiva, simplesmente releva, por se tratar de alguém sem condições financeiras. Ele possui também uma outra característica que desestrutura qualquer tentativa de estabelecer um padrão de comportamento: sua paixão por Ana, uma mulher integrante do meio social que o Cobrador odeia.

Tal postura é uma das características da sociedade pós-moderna, que atravessada por diferentes divisões e antagonismos sociais produz uma variedade de “posições do sujeito”. As sociedades não se desintegram porque os diferentes elementos e identidades podem ser articulados conjuntamente. Porém, a articulação é parcial pelo fato de a identidade permanecer aberta; o trecho do conto pode evidenciar essa dúvida do sujeito em relação a si e aos diferentes estratos sociais: “na praia somos todos iguais, nós os fodidos e eles. Até que somos melhores pois não temos aquela barriga grande e a bunda mole dos parasitas” (FONSECA, 1997, p. 22). A união do

Cobrador e de Ana é, também, a própria característica dessa desestruturação social, pois não é apenas uma união de amor entre homem e mulher, mas a união de classes sociais totalmente opostas. No entanto, a aproximação não resolve o problema das diferenças, apenas destaca ainda mais a luta entre as classes sociais distintas e até mesmo dentro da mesma estratificação. Ana volta-se contra seu próprio grupo social e ainda ensina ao narrador novas técnicas de destruição, que matam mais pessoas em menos tempo.

Hall quando fala do “descentramento do sujeito”, afirma que as identidades modernas estão sendo fragmentadas e o que aconteceu com o sujeito moderno, não foi simplesmente sua desagregação mas seu deslocamento, que é descrito através de uma série de rupturas nos discursos do conhecimento. Dentre elas, a descoberta do inconsciente por Freud, o qual descreveu que a formação do “eu” acontece a partir da relação com os outros, dessa forma o sujeito está sempre partido ou dividido, mas vivencia sua identidade como se estivesse reunida e resolvida. É, portanto, a origem contraditória da identidade que permanece sempre incompleta, em um processo constante de identificação. Logo, o Cobrador e Ana são bons representantes dessa ruptura, pois não possuem uma identidade definida, identificam-se com alguns aspectos de suas classes sociais, e também, com a classe do outro. Ela volta-se contra seu grupo quando o conhece. Ele não deixa de ler o jornal para saber se foram publicadas suas ações criminosas, em atitude semelhante às suas vítimas que aparecem nas páginas sociais do jornal.

Em “Onze de Maio”, a narrativa passa-se em ambiente restrito e fechado, um asilo de idosos. Porém, a distinção social se dá também em três níveis. A classe média-alta, com seus privilégios, está na figura do diretor do Lar Onze de Maio, que tem o escritório e a casa em uma torre, símbolo da altivez e superioridade, vista também em sua postura. O Proletariado são os funcionários do asilo, chamados de “Irmãos”, lembram uma instituição religiosa; são apresentados como pessoas que se deixam manipular pelo sistema e obedecem às ordens como máquinas programadas. O marginalizado é representado pelos internos, que, ao se rebelarem, desencadeiam a luta entre os estratos sociais. Nesse conto, a pressão exercida de cima para baixo, eclode com a reação violenta do narrador e seus amigos, que invadem a casa do diretor na tentativa de se sobrepor àquele que os dominava.

O que ocorre com maior frequência na narrativa de “Onze de Maio”, é o “descentramento” que Hall afirma ser desenvolvido por Michel Foucault. Segundo ele, Foucault fala em “poder disciplinar”, que se preocupa com a regulação e a vigilância. Esse “poder

disciplinar”, segundo Foucault, assume estrito controle e disciplina sobre as vidas, as atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo; além do controle sobre a saúde física e moral, suas práticas sexuais e sua vida familiar. Mas que o básico do “poder disciplinar” é produzir “um ser humano que possa ser tratado como um corpo dócil” (DREYFUS e RABINOW, 1982, p. 135 – In: HALL, 1999, p. 42). Esse poder disciplinar de Foucault está nas instituições coletivas criadas a partir do século XIX, que quanto mais coletiva e organizada maior o isolamento, a vigilância e a individualização do sujeito. O que vai desencadear no outro descentramento, que Hall descreve em sua obra como os grupos de movimentos sociais que emergiram durante os anos sessenta, para ele: “o grande marco da modernidade tardia” (HALL, 1999, p. 44); esses grupos defendiam a fragmentação das organizações em vários e separados movimentos sociais, onde cada movimento apelava para uma identidade própria. Volta-se então, à questão da identificação do sujeito com determinado grupo ou determinadas características de similaridade para a formação de novos grupos, em que cada um defende seus interesses, não só do grupo mas também individuais.

Isto é evidente em “Onze de Maio”, porquanto o asilo é uma dessas instituições de controle criadas pelos governos da espécie humana. A vigilância e o controle são exercidos no sentido de transformar os internos em seres apáticos e de fácil manipulação. Os funcionários são controlados pela disciplina que aprenderam a ter para manutenção de seus empregos. O diretor é o representante, junto com os funcionários, desse controle das massas no sentido de evitar uma reação ao poder constituído. O narrador e seus amigos, ao reagirem, formam um grupo com o mesmo interesse, buscar a liberdade ou melhores condições, para assim, viver com mais dignidade o resto de suas vidas. Contudo, ao conquistarem a primeira etapa: fazer de reféns o diretor e sua mulher, os interesses se diversificam; quando o narrador pensa na seqüência da ação, os outros dois vão satisfazer a fome com alimentos que há muito não comiam. Enquanto no narrador afloram instintos sexuais, quando deseja passar a mão no corpo nu da mulher, em Pharoux são os instintos destrutivos que afloram, quando faz pequenas perfurações no pescoço do diretor.

Ambos os contos, na realidade, são baseados na diferença e na exclusão de pessoas da convivência social. Sendo assim, desafiam e questionam a autoridade constituída e as instituições em geral e, mesmo não apresentando soluções para os problemas, são valores positivos pelo simples fato de exporem o conhecimento de tal exclusão. Por estarem calcados na diferença, onde os narradores

sentem-se vítimas do sistema social elitista e preconceituoso, os contos apresentam as “alteridades da violência”, que estão em torno de um “eu” que se sente totalmente atacado, vitimado. Segundo Dadoun (1998), a identidade pessoal só é possível quando se evacua no outro o mal que cada um traz em si. Dessa maneira, as personagens têm necessidade de que o outro seja o detentor da violência, talvez, para dar coerência e consistência ao próprio “eu”, que sofre a ameaça constante da violência da alteridade porque o outro tenta identificar, corroer e soterrar a identidade.

Para resistir às alteridades violentas é necessário um eu forte, uma identidade segura, que implica uma violência singular: pôr o eu em posição de força consiste em enfrentar as pressões de um superego que o atormenta com interdições e ordens e os assaltos de um inconsciente fortalecido por toda a energia pulsional. O eu, então, para resistir, para tentar manter-se, inevitavelmente, deve ser uma estrutura violenta, uma espécie de força permanente no ser do sujeito. O Cobrador possui esse eu de estrutura violenta, joga a culpa no outro para justificar sua violência. Na narrativa, cobra uma suposta dívida social que os outros têm para com ele e os do seu meio. Todavia, seu discurso é transparente e demonstra que é extremamente individualista, característica do pós-modernismo, cobrando apenas o que devem a ele. José, narrador de “Onze de Maio”, também possui esse eu com força permanente no ser. Ele se sente humilhado e excluído da vida social por ser velho, mas consegue transpor obstáculos aparentemente intransponíveis para um homem de sua idade. O narrador justifica sua violência, pela sofrida diante da sociedade que o excluiu e pelo tratamento recebido do diretor e funcionários do asilo, que supostamente, estariam tentando matá-lo.

Ainda sobre a violência, é importante perceber que tem vínculos estreitos com o poder, estando presos em suas estruturas; chega-se a pensar que o problema real do poder é a violência e que a verdadeira finalidade da violência é o poder. Nenhuma ideologia ou sistema declara praticar a violência pela violência. Há sempre um fim superior: revolução, liberação, independência, etc. Nos contos, o vínculo entre violência e poder está, em “O Cobrador”, na luta interminável do narrador para se sobrepor à elite dominante, em que a elite seria a causadora da violência de sua exclusão social, porém com poder para extingui-la. Apesar de o Cobrador ser o causador da violência física contra as pessoas da elite, possui um poder destrutivo, mas justificado pela busca do respeito que não lhe é dado. Em “Onze de Maio”, a instituição é representante do poder constituído enquanto os internos são a força que enfrenta este poder, ambos com um fim

superior. A primeira, justifica a violência contra os velhos pela crise financeira do país e por eles não estarem mais produzindo; os internos justificam a sua reação violenta pela busca da liberdade e da dignidade humana. Com isso, pode-se resumir os conflitos existentes nos dois contos com a sustentação de Hobbes de que todo o sujeito humano tem dois objetivos prioritários: “preservar sua vida e a si próprio enquanto individualidade racional” (In: DADOUN, 1993, p. 93). Ou ainda com a própria afirmação do narrador de “Onze de Maio”:

Ontem sonhei que estava dando aula e no sonho discursava sobre o que era Bom e o que era Ruim para a Humanidade. Eu dizia que o Bom era o Poder e o Mau, o Ruim, era a Fraqueza, os fracos deviam ser ajudados a perecer. Mas subitamente eu não estava mais numa sala de aula, havia uma guerra, em que os velhos, os doentes, eram mortos e queimados num forno e a chaminé do forno era igual à do Lar Onze de Maio. Um pesadelo nietzschiano. (FONSECA, 1997, p. 130)

Outro aspecto importante, a ser abordado nesses contos de Rubem Fonseca, é a incorporação em seu texto dos meios de comunicação de massa. No conto “O Cobrador”, temos referência a jornais cariocas, revista feminina de moda, rádio, cinema e televisão. O narrador entra em contato principalmente com jornal, cinema e televisão; o primeiro ele utiliza como um meio de informação: “Leio os jornais. A morte do muambeiro da Cruzada nem foi noticiada. O bacana do Mercedes com roupa de tenista morreu no Miguel Couto e os jornais dizem que foi assassinado pelo bandido Boca Larga. Só rindo.” (FONSECA, 1997, p. 18); entretanto, põe em dúvida a credibilidade desse meio de informação, ao mostrar, na última frase da citação, que não foi o “Boca Larga” quem matou o homem. No jornal escrito, busca ainda, saber o que a sociedade faz: “Leio os jornais para saber o que eles estão comendo, bebendo e fazendo” (FONSECA, 1997, p. 18); tem-se então, a evidência do objetivo principal do narrador ao ler os jornais: mostrar a diferença social e que fará vingança contra a burguesia que mantém essa distinção. A distinção está na notícia da morte apenas do rico da Mercedes e depois: “Os jornais abriram muito espaço para a morte do casal que eu justicei na Barra. A moça era filha de um desses putos que enriquecem em Sergipe ou Piauí, roubando os paus-de-arara, e depois vêm para o Rio” (FONSECA, 1997, p. 23); já a vingança está explícita quando, logo após afirmar que lê o jornal para tirar informações dos burgueses, o narrador diz: “Quero viver muito para ter tempo de matar todos eles” (FONSECA, 1997, p. 18).

O cinema é utilizado como um elemento de influência para sua violência:

Com o facão vou cortar a cabeça de alguém num golpe só. Vi no cinema [ . . . ] um ritual que consistia em cortar a cabeça de um animal, creio que um búfalo, num golpe único. Os oficiais ingleses presidiam a cerimônia com um ar de enfado, mas os decapitadores eram verdadeiros artistas. Um golpe seco e a cabeça do animal rolava, o sangue esguichando. (FONSECA, 1997, p. 16)

O narrador, então, tenta decapitar um homem com um facão, não consegue em um só golpe, mas depois de vários golpes seu intento é alcançado. Tem-se ainda, a referência em que uma mulher lhe pergunta se gosta de cinema e ele fica aborrecido, pois está lendo para ela um poema seu. É uma crítica ao meio de comunicação de massa, que está fazendo com que as pessoas deixem de entender a cultura erudita: “Ela corta perguntando se gosto de cinema. E o poema? Ela não entende” (FONSECA, 1997, p. 17).

A televisão também é um estímulo à violência do narrador. Porém, não por mostrar cenas de violência, como no cinema, mas por criar uma ilusão de que a vida é maravilhosa e sem problemas, direcionada principalmente para a classe burguesa:

Fico na frente da televisão para aumentar o meu ódio. [ . . . ] Quero muito pegar um camarada que faz anúncio de uísque. Ele está vestidinho, bonitinho, todo sanforizado, abraçado com uma loura reluzente, e joga pedrinhas de gelo num copo e sorri com todos os dentes, os dentes dele são certinhos e são verdadeiros, e eu quero pegar ele com a navalha e cortar os dois lados da bochecha até as orelhas, e aqueles dentes branquinhos vão todos ficar de fora num sorriso de caveira vermelha. Agora está ali, sorrindo, e logo beija a loura na boca. Não perde por esperar. (FONSECA, 1997, p. 16)

O rádio e a revista feminina trazem a chamada de atenção para o fato das pessoas acompanharem a vida dos que estão em evidência social: “Eis-me de novo/ ouvindo os Beatles/ na Rádio Mundial!” (FONSECA, 1997, p. 18) e; “Essa fodida não me deve nada, pensei, mora com sacrifício num quarto e sala, os olhos dela já estão empapuçados de beber porcarias e ler a vida das grã-finas na revista *Vogue*” (FONSECA, 1997, p. 17).

O Cobrador é um homem que, ao mesmo tempo que critica o sistema social e os meios de comunicação de massa, quer fazer parte deles. Não como membro da elite, mas reconhecido como defensor da

minoría marginalizada, eliminando essa elite e pondo seus atos nas primeiras páginas dos jornais. Tornando-se, assim, não apenas um mero representante da marginalidade, mas o vingador dos marginalizados: “Explodirei as pessoas, adquirirei prestígio, não serei apenas o louco da Magnum. Também não sairei mais pelo parque do Flamengo [...] escolhendo a árvore que eu queria ter, que eu sempre quis ter num pedaço de chão de terra batida” (FONSECA, 1997, p. 28).

Em “Onze de Maio” o veículo de comunicação de massa que aparece com mais evidência é a televisão. Ela está presente em toda a narrativa, é utilizada como meio de alienação dos internos do asilo: “Vamos, vamos, veja a televisão, divirta-se, não fique aí imaginando coisas tristes, preocupando-se à toa” (FONSECA, 1997, p. 125); mas esta alienação se dá, preponderantemente, pelo fato de ser um circuito interno de televisão, que passa a mesma programação o tempo todo: “A TV fica ligada o dia inteiro. Deve haver, também, alguma razão para isso. Os programas são transmitidos em circuito fechado de algum lugar do Lar. Velhas novelas, transmitidas sem interrupção.” (FONSECA, 1997, p. 117); o narrador abre a possibilidade da televisão ser algo bom, porém, ela deve ser assistida sempre com um olhar crítico:

Os Irmãos [...] também têm televisão no quarto e assistem a outros programas que não são transmitidos para nós. Sei, por perguntas que faço inocentemente, que eles também dormem em frente ao vídeo. Televisão é muito interessante, descontando o sono e o esquecimento. (FONSECA, 1997, p. 126)

Ambos os contos levantam várias questões sobre a sociedade pós-moderna, mas neste trabalho o objetivo foi buscar um entendimento da crise existencial vivida pelas personagens e o porquê de suas ações violentas. “O Cobrador” levanta a questão da crise de identidade individual no princípio, para fechar com a crise de identidade coletiva; de um por um passa a matar coletivamente e com um objetivo definido: acabar com a distinção social. Já “Onze de Maio”, começa com a questão da crise de identidade coletiva e termina com a crise de identidade individual; as três personagens descobrem que estão sendo dopados e têm em comum o objetivo de libertar-se da situação humilhante, mas quando vencida a primeira etapa, perdem completamente o sentido da revolução e cada um passa a resolver o seu desejo imediato.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. “A Nova Narrativa”. *A Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 204-215.
- DADOUN, Roger. *A Violência: ensaio acerca do “homo violens”*. Trad. Pilar Ferreira de Carvalho e Carmen de Carvalho Ferreira. Rio de Janeiro: Difel, 1998.
- FONSECA, Rubem. *O Cobrador*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. Raquel Ramallete. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GARCÍA-CANCLINI, Néstor. “Entrada” e “Culturas Híbridas, Poderes Oblíquos”. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 1997, p. 17-30/283-350.
- GUELFÍ, Maria Lúcia Fernandes. “Identidade Cultural numa Perspectiva Pós-Moderna”. *Gragoatá*, Niterói: EDUFF, n. 1, p. 137-149, 1996.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira L. Louro. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MACHADO, Maria Salete. “Leitura da Cidade: Rubem Fonseca e a violência urbana”. *Cerrados*; Brasília: Ed. UnB, n. 2, p. 49-52, 1993.